



MEMÓRIA DESCRITIVA



Desfile de Carnaval, Torres Vedras, c.1905

A festa do Carnaval ocupa desde há muito um lugar central no imaginário da cidade de Torres Vedras. O Projecto do Centro de Artes e Criatividade (CAC), dedicado à temática do Carnaval, materializa esta referência colectiva, reabilitando o antigo Matadouro Municipal e uma pedreira, desactivados há décadas.

1. O BAIRRO, A PEDREIRA E O MATADOURO

Situada à ilharga do centro histórico de Torres Vedras, a Encosta de S. Vicente é um conjunto de bairros operários que cresceu em torno da pedreira e do Matadouro, localizado estrategicamente junto a um dos principais acessos da cidade. Com a desactivação de ambos os equipamentos, a vitalidade urbana, social e económica deste núcleo urbano perdeu-se e a Encosta foi-se tornando num fragmento degradado e desligado da cidade. Da antiga pedreira sobrou uma plataforma, abarcada pela escarpa resultante da exploração de arenitos, cuja dimensão, forma e materialidade conferiam a todo o espaço um carácter quase onírico. Do Matadouro ficou o seu valor iconográfico, guardando a memória do lugar.

Os únicos desenhos que se conhecem do edifício original do Matadouro dão conta de um edifício classicizante, organizado em torno de um pátio, que era o dispositivo de drenagem e ventilação do sangue dos animais. Na década de 1940, o edifício original sofreu uma ampliação e foi transformado de acordo com os preceitos historicistas promovidos pelo Estado Novo, mantendo-se o pequeno pátio como espaço estruturante da sua organização espacial.

A antiga pedreira, o Matadouro, em ruínas, e os vestígios desse pátio, entretanto completamente desfigurado, foram os pontos de partida para o projecto, desde logo, nos primeiros esboços. O antigo Matadouro e o seu

pátio foram transformados para se tornar o rosto do CAC e o primeiro passo do percurso expositivo. A pedreira abandonada foi transformada para se tornar uma Praça Pública.

O projecto, ao reabilitar e estabelecer uma nova relação entre os elementos existentes – a pedreira, o Matadouro e o bairro – prescrevendo os valores locais mais importantes – naturais, materiais, sociais e culturais – teve como ambição maior a construção de um conjunto edificado com a capacidade de operar uma reabilitação profunda do lugar, na sequência do Plano de Pormenor do Choupal e em paralelo com a operação de Regeneração Urbana e Social da Encosta de S. Vicente, levada entretanto a cabo pelo Município de Torres Vedras.



2. O CAC, A PRAÇA E A CIDADE

Ao longo do tempo, o Município tem vindo a reunir um extenso acervo relacionado com o Carnaval. O CAC tem como primeiro objectivo recolher, preservar, ampliar, interpretar e expor este acervo, bem como acolher artistas, artistas, palestrantes, estudantes e investigadores, para trabalhar in loco sobre o tema do Carnaval.

O programa definido pelo Município sugeria assim três grandes grupos funcionais, nomeadamente Exposições, Reservas e Oficinas, complementados por uma Sala Polivalente, um Centro de Documentação, uma Loja, uma Cafeteria, espaços de Direcção e Áreas Técnicas, para um total de 3.650m² de área bruta, incluindo 600m² do edifício existente do Matadouro, e um custo máximo de 3.2 milhões de euros para o edificado e espaços exteriores.

Uma das primeiras decisões de projecto, face ao escasso orçamento e à natureza do solo da pedreira, foi tirar partido do declive existente, evitando escavações e organizando o edifício em três níveis acima do solo: O primeiro nível inclui o edifício existente do Matadouro, reabilitado e tomado entrada principal do CAC, contendo os espaços do CAC mais imediatamente ligados à rua: a Sala de Exposições Temporárias, a Sala Polivalente e a Loja. A Sala de Exposições Temporárias é o ponto de partida do percurso expositivo, ocupando o antigo espaço envolvente do pátio do Matadouro, enfatizado agora pela presença de um volume cilíndrico, que,

combinado com uma grande clarabóia, contém a escada de acesso à Nave Principal. A Sala Polivalente / black box tira partido da posição do espaço mais recolhido do Matadouro. A Loja é acessível autonomamente, tirando partido dos vãos existentes, como acesso directo da rua e montas de exposição.

O Matadouro foi reabilitado tanto nas configurações, dimensões e proporções dos seus espaços originais, como nos seus elementos exteriores, fortemente degradados, em pedra de lioz, reboco de cal pintado e telha marselha. As paredes existentes foram reforçadas estruturalmente e reconstruídos os vãos, fritos, cornijas e socos. Tendo em conta o curtíssimo orçamento disponível, optou-se por um conjunto de materiais de baixo custo, robustos, utilizados correntemente e de fácil manutenção, em continuidade com os materiais existentes.

O piso mais alto do edifício é constituído por um volume contínuo, suspenso entre o Matadouro e a escarpa, que contém a Nave Principal de Exposições, as Reservas visíveis e os espaços de Direcção. No interior da Nave de Exposições, duas janelas estreitas deixam vislumbrar, por um lado, a colina do Castelo e a colina ocupada com os centros comerciais construídos nos subúrbios, e uma grande janela abre-se, por outro lado, para a cratera da antiga pedreira – a nova Praça – e a paisagem urbana dos bairros sobre a Encosta de S. Vicente. As características arquitectónicas desta Nave proporcionam uma base versátil, mas fortemente caracterizada, para que possa sustentar a variedade imponderável de exposições.

O espaço de Reservas, visível, é uma nave curva, constituída por uma sequência de espaços iluminados zenitalmente, nos quais o acervo do CAC vai sendo organizado e exposto.

Os vários espaços que constituem o CAC organizam assim uma promenade arquitectónica na qual os visitantes vivenciam os momentos mais memoráveis do percurso através do edifício e do seu conteúdo expositivo, reforçando, a cada passo, as relações que o CAC estabelece com o contexto urbano.

O piso intermédio, ao nível da antiga plataforma da pedreira, inclui as Oficinas, a Cafeteria e, lateralmente, os espaços de recepção de peças. A Praça, cuja configuração resulta da geometria sugerida pela forma da cratera, é qualificada pela massa da escarpa, em continuidade com a superfície elíptica do novo corpo, e animada pela presença da Cafeteria e das Oficinas do CAC.

Em todo o edifício, tal como na sua presença urbana, procurou-se que o CAC correspondesse a uma expressão de permanência e intemporalidade que lhe permitisse ser o palco adequado para a transitoriedade do Carnaval.

Os materiais simples utilizados na reabilitação do Matadouro, estenderam-se a toda a parte nova do edifício, conferindo-lhe uma unidade clara e um carácter comum e público, tendo sido dada especial

atenção à redução do consumo de energia através de soluções passivas de ventilação e climatização.

A Praça do CAC foi projectada, não apenas como palco do teatro urbano do Carnaval, circundado por um passeio em calçada de vidro e por plantações que complementam a presença da escarpa, é em sabão, material local que contribui fortemente para o seu carácter público.

3. REABILITAÇÃO, CONTINUIDADE E OFERTA

A Praça do CAC foi projectada, não apenas como palco do teatro urbano do Carnaval, mas também como lugar para as práticas quotidianas dos cidadãos, sendo assim tanto o centro das actividades do CAC, como o novo coração deste bairro marginal, construído sobre as ruínas da sua vitalidade perdida.

Neste sentido, o projecto do CAC foi sobretudo uma ocasião especial para aprofundarmos, na prática, duas noções decisivas para o trabalho da arquitectura: continuidade e oferta. A noção de continuidade corresponde à evidência de que os limites físicos do objecto arquitectónico nunca são os limites do nosso projecto, incorporando o que já lá estava e o que poderá vir a estar. A noção de oferta corresponde à construção de qualquer coisa que, a pretexto de um dado Programa mas indo além dele, se revela afinal como sendo crucial para a vida de uma cidade e para a sua continuidade.

No projecto do CAC, tratou-se da oferta de uma praça pública, em continuidade com um bairro, um antigo Matadouro, a plataforma e a escarpa de uma pedreira, para assim os devolver ao espaço e ao tempo de suas cidades – à vida.

A celebração do Carnaval apresentou-se-nos como o melhor dos pretextos para esta reapropriação, através do exercício cívico que a arquitectura não pode deixar de ser, se entendida como trabalho de permanente reabilitação, isto é, de oferta e continuidade.



